

A UNIVERSALISAÇÃO DAS LINGUAS

Fallámos, em nosso artigo sobre os *Congressos internacionais de Paris em 1900*, da interessante memoria—*Une langue universelle est-elle possible ?*—apresentada, á quinta secção do Congresso internacional de Historia comparada, por M. Leau, membro do Congresso internacional dos Mathematicos, professor no Collegio Estanislau, delegado da Sociedade philomatica.

Tendo tido a fortuna de assistir á discussão a que aquella memoria deu lugar, mais se nos arraigou a convicção de que na universalisação das linguas tem a universalisação do Direito o seu primeiro e principal factor.

Mas, coisa singular: ao passo que a idéa da universalidade do Direito colhia o suffragio unanime dos congressistas, reticencias, restricções e objecções levantou a da universalidade das linguas. Assim M. Tannery, industrial, não se limitou a notar as difficuldades que lhe pareceram se levantar em torno do ideal de M. Leau; foi além: oppoz reservas á utilidade de tão sympathico desiderato! Felizmente M. Lalande, professor adjuncto de philosophia no Lyceu de Vanves, sustentou brilhantemente a these do proponente, mostrando, com calor e provas, que outro não é o movimento contemporaneo. Fallou da unificação da terminologia nos trabalhos philosophicos de Eucken, Tönnies e outros; nas unidades C. G. S.; na fusão de horarios; dos votos emittidos por outros Congressos, etc. etc.

Os Drs. Delpeuch, Dureau e Sicard de Plauzoles se manifestaram pela readopção do latim como lingua universal.

Afinal, da discussão resultou não ser possível estabelecer *a priori* qual fosse a solução melhor: pelo que, ficou nomeada uma comissão especial para estudar o assumpto, approvada unanimemente a seguinte proposta:

1.º O Congresso emite seu voto em favor da adopção de uma lingua scientifica universal;

2.º Nomeia M. André Lalande delegado eventual á federação dos delegados dos Congressos que para esse fim fôr constituída.

Para completar esta breve noticia, damos abaixo um resumo da memoria de M. Leau.

O auctor começa por demonstrar a

Utilidade de uma Lingua scientifica universal

A evidencia desta utilidade está na propria evidencia do conceito opposto: que a multiplicidade das linguas usadas nas relações scientificas apresenta graves inconvenientes. Sabios que, por motivo qualquer, desconhecem varias linguas estrangeiras, estão privados de lêr as Memorias originaes que renovam ou augmentam o dominio dos nossos conhecimentos. Breve relatorio ou tardia traducção de alguns trabalhos apenas insufficientemente traz remedio a tão pernicioso estado de coisas.

E si considerarmos que novos povos nascem para a vida scientifica, mas que, desdenhosos dos privilegios que um passado glorioso parecia assegurar a alguns outros, é da propria lingua que se servem para a publicação das proprias descobertas, devemos concluir que a situação tende a se aggravar. Fingiremos que nos são elles ignorados afim de circumscrever a confusão actual? Evidentemente chimerica seria semelhante tentativa.

Resignemo-nos pois á crescente confusão, que tornará singularmente difficil a missão dos homens de estudo, a menos que não nos decidamos a acceitar a unica solução simples, logica e facil do problema, e que por si mesma se nos impõe : o emprego de uma lingua universal para as relações scientificas.

É passa logo o auctor a detalhar o assumpto.

Resposta a algumas Objecções preliminares.

O Fim a attingir; os Meios a empregar

«Si alguém, diz elle, exclamasse que tal projecto é uma utopia e que em vão nos detemos em sonhos irrealisaveis, responderia eu que esse sonho já se realisou. De facto, quem não sabe que o latim foi verdadeiramente a lingua universal da idade media? Monges, medicos, advogados, sabios, o latim foi para todos elles o idioma commum; em latim foi escripta a encyclopedia de Vincent de Beauvais — *Speculum historiale, naturale, doctrinale, et morale* — composta a pedido de S. Luiz. Na epoca moderna, o latim foi muito tempo ainda a lingua preferida dos sabios: Descartes publica em latim a sua *Geometria*; Leibnitz, a sua Memoria fundamental — *Nova Methodus pro maximis et minimis, itemque tangentibus, quæ nec fractas nec irrationales quantitates moratur, et singulare pro illis calculi genus*; Newton, a sua *Arithmetica universalis sive de compositione arithmetica liber*. Posteriormente, é Linneo que apresenta ao mundo sabio o *Systema naturæ*, de Jussieu que compõe a Obra capital — *Genera plantarum secundum ordines naturales disposita*. Mesmo em nosso seculo, admiraveis trabalhos foram publicados em latim. Assim, entre muitas Memorias do illustre mathematico Gauss, duas obras capitaes — *Disquisitiones arithmeticæ* e *Theoria motus corporum cælestium in sectionibus conicis ambientium*.»

No entanto, o francez conquistou pouco a pouco a supremacia do latim. Basta rememorar a these posta em concurso, em 1783, pela Academia de Berlim: «Que é que fez a lingua franceza universal? Porque merece ella esta prerogativa? E' de presumir que a mantenha?»

No começo do seculo XIX, o grande mathematico sueco Abel expôz na lingua franceza as suas descobertas.

Mas as linguas nacionaes tiraram do latim e do francez aquelle character de universalidade, e bem se pode hoje dizer que não existe idioma que seja verdadeiramente a lingua da humanidade.

Haverá razão em vêr um progresso nesse desaparecimento daquella superioridade orgulhosa? em não mais fazer da sciencia mysteriosa doutrina reservada a alguns iniciados, mas, em vez disso, espalhar seus thesouros á multidão avida? Sim; foi isso uma inspiração generosa; mas inspiração que por si mesma nos dá o character e a extensão da reforma que se accentua: *A Sciencia feita deve fallar as linguas nacionaes*. Mas para a Sciencia que se elabora, guardemos uma lingua universal: *Uma só Sciencia, uma só lingua!*

E o proprio auctor levanta assim a seguinte objecção:

«Tal projecto é seductor, concordará algum sceptico; mas infelizmente não está em nosso poder executal-o. A linguagem das sociedades se dobra a forças multipas e pouco conhecidas; não está na alçada de alguns homens se opporem á acção de taes forças. De resto, já houve recentes tentativas: o *volapück*, o *esperanto*, talvez ainda outros idiomas, cujo nome mesmo nos escapa. Vãos esforços! As mais bellas chimeras se rasgam á impassivel e dura realidade»

Meros pretextos de vontades caçadas. *Venceremos, si o quizermos*. Aquelles insuccessos, aliás *relativos*, teem uma causa manifesta: *a falta de auctoridade* dos

respectivos auctores. Si bem que eruditos, faltava-lhes qualidade que impuzesse ao mundo aquelles idiomas. Nem é, sem razão séria, que alguém se decide a estudar uma lingua, mesmo facil. E' pois indispensavel inspirar confiança no successo da lingua que se propuzer a ser universal — confiança que se obterá mediante as duas seguintes condições: *a)* a sociedade da qual emanar a proposta deve figurar sem contestação como sendo a unica capaz de semelhante iniciativa; *b)* deve dispôr de poderes taes que a sua intervenção tenha resultado pratico.

Onde acharemos essa auctoridade? *Na reunião das academias officiaes.* Proposição tão clara, que dispensa justificação. Uma Commissão que as representasse promoveria dos governos civilizados meios que garantissem sancção ás respectivas deliberações—sancção que consistiria na inscripção, nos programmas das grandes escolas e dos exames superiores, da lingua universal como materia obrigatoria. Semelhante medida em coisa alguma limitaria a liberdade individual, como não a limita o exigir o conhecimento do systema metrico.

Quando se tomarem estas medidas e houverem ellas produzido effeito, já a lingua universal se terá espalhado, seu successo parecerá certo e pouco a pouco os sabios se servirão da lingua que lhes assegurar maior numero de leitores.

Exame mais detalhado do problema

E no intuito de proceder a esse exame, passa o auctor a definir a reforma de modo mais preciso e a procurar os meios de lhe provocar a execução.

Lingua nacional ou não ?

Condição indispensavel de successo é que a lingua universal não deve ser escolhida entre as linguas na-

cionaes : aliás, não haveria accordo entre as Academias. Nenhum povo, consciente de sua personalidade, e dado que muitos lutam com armas iguaes pelas conquistas scientificas, consentiria em adoptar a lingua de outro povo como lingua commum. E nisto vai um signal da respectiva supremacia intellectual.

De que argumentos cada qual não lançaria mão?

Lingua morta ou lingua nova ?

Não ha mais onde escolher : ou uma lingua morta que venha completar os termos impostos pelo progresso da civilisação, ou uma lingua nova em todas as suas peças. A muita gente, e particularmente a mathematicos, a ultima idéa parecerá seductora. Pelas theorias scientificas, busca-se dar da natureza uma representação approximativa, tão simples quanto possível e comprehensivel a todos os homens. Assim tambem quanto ao mundo das idéas, cuja representação se obtem por meio do systema de signaes que se chama uma *lingua*. Porque não imaginar engenhosamente algum outro, pouco complicado e destinado á humanidade inteira ? Já os numeros se escrevem de uma só maneira. Um hespanhol ou um inglez pode se servir de uma taboa de logarithmos franceza. Os systemas de medida se fazem internacionaes. Quem não conhece este outro exemplo ? Em 1881, era o systema C. G. S. adoptado pelo Congresso internacional dos Physicos : é hoje universalmente utilizado nas pesquisas scientificas.

Semelhante lingua apresentaria a vantagem de ser de estudo rapido, de modo que em pouco tempo seria realisavel a projectada reforma.

Entretanto, a prevalecer a escolha de uma lingua morta, parece verosimil que essa seria o latim, cuja passada preeminencia se reataria. E assim se conciliariam duas tendencias contrarias, que hoje disputam a mocidade :

uma que a seduz para a antiguidade, a outra, que a leva para os estudos scientificos precoces. Si o conhecimento do latim se tornasse indispensavel para séria formação scientifica, estaria resolvido um importante problema de educação.

Passa depois o autor a vêr o que mais convem:

Lingua fallada ou sómente escripta ?

A lingua commum deve ser apenas escripta, ou escripta e fallada ? Tal é o problema.

E' sem duvida de uma lingua escripta de que principalmente se precisa nas relações scientificas; mas tambem é certo que, em muitas circumstancias, de grande utilidade seria uma lingua fallada. Convem, portanto, que o idioma universal seja fallado e escripto.

Será o latim ? a respectiva pronuncia, á parte algumas variantes sem importancia, já está em toda parte adoptada. Será uma lingua nova ? nada mais simples do que determinar o som das respectivas syllabas e fazel-o conhecido por meio do phonographo - processo este já seguido em varios paizes para o ensino da lingua franceza. Si as differenças das linguas nacionaes deformar differentemente a pronuncia adoptada, tal defeito, aliás constantemente corrigido, apenas introduzirá variações de accento de todo indifferentes.

Extensão ao commercio do emprego da lingua universal

Intuitiva é a necessidade desta extensão.

«Não são os homens de estudo os unicos que necessitam de uma lingua universal : della os negociantes tirariam proveito immenso. Não se trata aqui de relações entre commerciantes e clientes isolados, mas de relações entre varios commerciantes, v. g., entre um fabricante francez e um negociante sueco ou russo. E'

evidente que as trocas internacionaes seriam singularmente facilitadas si todos os negociantes em relação com o estrangeiro tivessem em toda parte uma lingua commum.»

Posto assim o problema, indica depois o auctor qual o

Meio de provocar a iniciativa das Academias

O que antes de tudo convem é appellar continuamente para as collectividades permanentes ou temporarias das pessoas interessadas, isto é, para as Sociedades e Congressos scientificos, bem como para as Camaras de Commercio. Preciso é que se recolham votos, uniformes quanto possivel, em favor do projecto.

Poder-se-ia observar a forma seguinte :

«A sociedade. (ou o Congresso ou a Camara de Commercio.), emite o seguinte voto

«1.º Pode-se adoptar uma lingua scientifica (ou commercial) universal, excluindo as linguas nacionaes das escolhas possiveis.

«2.º As Academias officiaes são respeitosamente convidadas a se combinarem para a realisação deste projecto.»

Este voto pode sem inconveniente se completar com a indicação da preferencia de tal ou tal lingua, sem que todavia se a pretenda impôr—o que, sobre proposta do auctor, foi adoptado pela Sociedade Philomatica de Paris.

Possivel recusa das Academias.

Auctoridade dos Congressos

Previendo o caso em que as Academias officiaes se recusem a intervir, por não lhes ser isso permittido pelos respectivos estatutos ou por tradições seculares,

indaga o auctor onde residirá a auctoridade que antes se havia attribuido a taes Academias. Sem hesitação possível: tal auctoridade estará no *conjuncto dos Congressos*, os quaes representam, sem contestação, o *conjuncto das pessoas interessadas*.

Mas como obter este duplo resultado: obter o voto das Academias e o dos Congressos?

Programma definitivo de acção

Cada Congresso que fôr favoravel, nomeará dous ou tres delegados e lhes dará plenos poderes de acção. Esses delegados se porão reciprocamente de accordo, formando uma *Delegação*, a se reunir pouco depois que os ultimos congressos terminarem os respectivos trabalhos.

Provisoriamente, os delegados de cada Congresso não disporão conjunctamente de mais de um voto. Depois se decidirá si convem ou não conferir mais de um voto a certos agrupamentos parciaes. Como a Delegação comprehende necessariamente grande numero de membros, deverá nomear uma *comissão* permanente, composta de pequeno numero de pessoas, á qual *abandona definitivamente todos os seus poderes*, e immediatamente se dissolve.

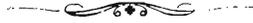
Tal *comité*, representante effectivo de todos os Congressos, e em cujo nome falla, reunirá os votos recebidos e os apresentará ás Academias. Si estas responderem negativamente, o *comité* as substituirá e escolherá a lingua universal, e pedirá aos governos civilizados que adoptem as medidas proprias a assegurar o seu rapido progresso.

Conclusão

Assim, textualmente, conclue o auctor a sua interessante memoria

«Seria talvez deslocado, ao terminar do seculo, e com certeza paradoxal, pretender que o uso de uma lingua universal tornasse intelligiveis aos povos, em suas mutuas relações, as palavras de justiça e de paz. Mas, sem exagerar a importancia desta reforma, licito é assegurar que ella trará consideravel simplificação ás relações commerciaes e scientificas. E' verdadeiramente digna de tentar os esforços dos homens de iniciativa. Será uma realidade si soubermos pôr em pratica duas virtudes que fazem victoriosas as idéas justas: a vontade e a perseverança.»

Dr. João Monteiro



Discurso pronunciado pelo lente Cathedratico Dr. Frederico Abranches, na Faculdade de Direito de S. Paulo, a 8 de Dezembro de 1901, por occasião da collação do grau e offerta do busto do Barão do Rio Branco á mesma Faculdade.

(O orador é recebido com uma salva de palmas.)

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

Em carta que me fôra endereçada de Berna, o collega e amigo dr. José Maria da Silva Paranhos, actual Barão do Rio Branco, incumbiu-me de represental-o nesta festa.

Jámais assoberbou-me tanto a consciencia da escassez de dotes intellectuaes como na presente conjuntura.

A solemnidade do momento, as pompas da palavra dos oradores que me procederam, esta mocidade cheia